



## SENTIDOS E SIGNIFICADOS DAS PRÁTICAS CORPORAIS DO TERNO DE CONGO VERDE E PRETO

Cleber de Sousa Carvalho  
[cleber.ueg@gmail.com](mailto:cleber.ueg@gmail.com)

**Resumo:** Este texto tem como propósito apresentar alguns sentidos e significados das práticas corporais do Terno de Congo Verde e Preto durante a Festa da João Vaz. Realizando seus rituais em um contexto histórico e social de hipervalorização do indivíduo, o Verde e Preto parece permitir outras experiências de sociabilidades que apontam para uma relação de interdependência entre as noções de indivíduo e comunidade.

**Palavras-chave:** *Pós-modernidade, Congada, Indivíduo e Comunidade*

**Abstract:** This paper have a purpose to present some senses and meanings of the corporal practices of *Terno de Congo Verde e Preto* during the *Festa da João Vaz*. Doing their rituals in a historical and social context of individual's overestimation, the Verde e Preto, maybe allow others experiences of sociabilities be a point to an interdependent relationship between the notions of individual and community.

**Keywords:** *Postmodernity, Congada, Individual and Community.*

### Introdução

Este texto tem como propósito apresentar alguns sentidos e significados das práticas corporais do Terno de Congo Verde e Preto durante a Festa da João Vaz. Realizando seus rituais em um contexto histórico e social de hipervalorização do indivíduo, o Verde e Preto, durante a festa, parece permitir outras experiências de sociabilidades que apontam para uma relação de interdependência entre as noções de indivíduo e comunidade.

O terno é um dos que participam da Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito-Vila João Vaz-Goiânia-GO. Conhecida entre os dançadores<sup>5</sup> como a Festa da João Vaz, esta é realizada há quatro décadas e meia pela Irmandade Nossa Senhora do Rosário de Vila João Vaz. O Verde e Preto, é um dos precursores dessa irmandade, além de ter sido constituído a partir da vinda de famílias remanescentes de outros ternos que se deslocaram das cidades de Catalão e Três Ranchos, região sudeste de Goiás, para constituírem suas vidas na capital do estado no início dos anos setenta. A Irmandade Nossa Senhora do Rosário de Vila João Vaz, conta com a participação de quatro ternos de congada, dentre eles: dois Congos, um Catopé e um Moçambique<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> Os participantes dos ternos de congada, na maioria das vezes se identificam como dançadores, apesar de usarem também os termos “congueiros” e “soldados” para se autodenominarem.

<sup>6</sup> Ver Macedo (2007)



Completando quarenta e seis anos de existência no ano de dois mil e quinze, o Terno Verde e Preto cresceu e desdobrou-se em outros agrupamentos formando uma história de resistência cultural, tornando perenes elementos simbólicos da festa. Vale ressaltar que, apesar de sua reconhecida tradição, o terno verde e preto, assim como a própria festa da João Vaz, não se configuram como o “nascido” da congada em Goiânia, contudo, seus participantes, tanto os do terno quanto os da festa, fazem parte da trajetória da congada na cidade juntamente com outros ternos e irmandades.

## Corpo e pós-modernidade

Maffesoli, em *A ética da estética (2005)* problematiza os processos transitórios entre modernidade e pós-modernidade. Logono título, o autor já questiona um “ethos” da moral e da *doxa* cultural. Colocando a arte na horizontalidade do cotidiano, Maffesoli apresenta uma ética baseada na experiência de grupo e de uma estética que é criada a partir das pequenezas do mundo, a partir daquilo que de alguma forma emociona o indivíduo a partir do compartilhamento de sentidos.

Sem atribuir ao termo “pós-modernidade” um status de conceito, mas apresentando-o como uma perspectiva para analisar os processos artísticos em tempos de “crise dos lugares seguros”, Maffesoli (2005) faz uma leitura a partir de um quadro de descentração onde a lógica do periférico, a do que geralmente esteve nas “bordas”, passa a assumir a própria centralidade.

A intenção e o querer artístico são colocados como parâmetros que movimentam os vários tipos de comunidade. As agregações entre os sujeitos, desencadeadas pela moral ou pela política, apresentam instabilidades e diante desse processo, Maffesoli (2005) apresenta o conceito de religação, apropriado de Marcel Bolle de Ball, como possibilidade de religação daquilo que parece estar em esfacelamento.

Michel Maffesoli, em *O mistério da conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade (2005)* e *No fundo das aparências (1996)*, tematiza os processos de individualização e agrupamento da sociedade fazendo referência a um retorno à “barroquização”, no sentido de um movimento de retorno a um naturalismo que, de certa forma, recoloca o corpo em pauta. Esse “retorno” ao corpo é destacado em *No fundo das aparências* a partir da noção de formismo, que enfatiza a dimensão da pele, a dimensão do que reveste o corpo – a pele, as roupas, perucas, adereços e tatuagens – e que, antes signos de marginalidade, passam a ser configurar como um local seguro. Nomadismos de



uma modernidade tardia, emprestando a expressão de Stuart Hall em *A identidade Cultural na Pós-modernidade* (1998).

O Terno de Congo Verde e Preto também carrega suas insígnias. Suas roupas, instrumentos, cantos, danças são reconhecidos como uma identidade do terno. O terno é um corpo coletivo. É reconhecido como grupo e como indivíduo. Os ritmos do Verde e Preto podem ser reconhecidos a longa distância pelo seu capitão. Uma identidade que surge da relação entre grupo e indivíduo.

Zygmunt Bauman (2003) põe em pauta os dilemas da modernidade líquida que oscila entre a autonomia e a insegurança do indivíduo; e a perda de autonomia e segurança da vida em comunidade. O Terno Verde e Preto talvez aponte para uma possibilidade de relatividade e síntese desse conflito.

É esse conjunto de estilos próprios que cria uma identidade no Terno Verde e Preto. Estilos rítmicos, estilos gestuais, danças, passos e coreografias que são aprendidos, ensinados e adaptados ao estilo próprio de quem vive a congada. Uma relação de interdependência entre coletivo e indivíduo que produz uma noção de grupo e sentimento de pertencimento.

### **As práticas corporais do Terno de Congo Verde e Preto**

No Verde e Preto os dançadores que tocam caixas são alinhados em duas filas, posicionadas lado a lado, separadas por uma distância que permite a formação de uma coluna composta por quatro a oito dançadores, dependendo da quantidade de pessoas presentes. Essa coluna de dançadores formada à frente “puxa” as duas filas de dançadores e é identificada como “guia”, sendo composta pelos dançadores mais experientes do terno. A “guia” se posiciona logo atrás das bandeirinhas. Os outros dançadores (sanfoneiro e pandeirista) e capitães se posicionam entre as duas filas.

Diferente de outros ternos, como os Catopés, por exemplo, o Verde e Preto geralmente utiliza apenas um pandeiro e não possui tarol e chocalhos em sua configuração. Assim, a maior parte da gestualidade do terno está atrelada ao tocar a caixa (tambor), ou à dança das bandeirinhas que não tocam instrumentos, mas se destacam pelo seu papel nos cantos e respostas. São os primeiro e o segundo capitão que se revezam “orquestrando” todos os momentos e movimentos, ritmose cantos realizados pelo terno. Ao som do apito e os movimentos do bastão os capitães direcionam ritmos, giros, paradas, posicionamentos e trajetórias do terno.



Durante a festa, o capitão canta um verso para um lado da guia. Neste momento todos os dançadores daquele lado devem repetir o verso e executar o ritmo principal. Em seguida o capitão canta a continuação do verso para o outro lado da guia e todos os dançadores deste lado o repetem tocam nas caixas o ritmo principal. Os repicados são realizados quando os dançadores não estão cantando o ritmo principal. Enquanto tocam o ritmo principal, os dançadores repetem o mesmo toque, quando estão repicando cada músico dá a sua própria identidade à música. Assim, essas práticas corporais são realizadas numa relação entre indivíduo e grupo onde o particular completa o geral, não havendo uma oposição entre sujeito e coletividade. Ao contrário, é justamente a partir dessa interdependência que os rituais do Verde e Preto se realizam.

Observa-senesta formação, aspectos que podem ser compreendidos a partir da noção de *técnicas do corpo* de Marcel Mauss (2003, p. 407), pois para este autor técnica seria “um ato tradicional eficaz (...). Ele precisa ser tradicional e eficaz. Não há técnica nem transmissão se não houver tradição”. O segundo capitão do terno afirma que essa característica de tocar as caixas “*cria um sentimento de identidade e em qualquer lugar que eu ouvir aquela batida, eu sei que é o Verde e Preto. Cada um toca de um jeito e acaba dando um molejo conhecido* (Entrevista realizada com o Capitão André Luíz, do Verde e Preto)”.

A partir dessas práticas corporais, percebe-se como o terno produz alguns sentidos relacionados ao sentimento de pertencimento ao grupo e de valorização do trabalho em conjunto ao mesmo tempo em que há uma valorização das particularidades de cada indivíduo. Nessas práticas as diferenças entre os sujeitos promovem o fortalecimento dos laços e vínculos do grupo.

## **Considerações finais**

Alguns moradores da Vila João Vaz, homens, rapazes, moças e crianças participam da vida na comunidade, se envolvem em várias atividades relacionadas à festa, frequentam as missas, assim como as novenas promovidas pela irmandade, festas beneficentes e bingos para arrecadação, porém, na “semana de setembro” estas pessoas tornam-se “algo a mais” do que são cotidianamente. Incorporam elementos que são repetidos há gerações, carregam bandeiras, instrumentos, velas acesas, tornam-se capitães, dançadores de congo e bandeirinhas.



A experiência dos dançadores do Verde e Preto materializa a festa e promove o contato das fronteiras entre o indivíduo e o grupo. A experiência coletiva é ressaltada e complementada pelas especificidades do sujeito. Individualismos se complementam produzindo uma noção de grupo e o sentimento de pertencimento que tem como substrato a fé e o desejo.

## Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A festa do santo de preto**. Funarte/Instituto Nacional do Folclore. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1985.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

MACEDO, Robson Antônio. **Congada de Catalão**. 1ª ed. Talento Gráfica e Editora: Catalão-GO, 2007.

MAFFESOLI, Michel. **O mistério da conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade**; tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005.

\_\_\_\_\_. **No fundo das aparências**; tradução de Bertha Halpern. - Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. 4ª reimpr. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

## Currículo do Autor

É professor da ESEFFEGO-UEG, onde coordena o Projeto de Extensão - Os processos de ensino-aprendizagem do gesto musical nos ritmos afrodescendentes: o Estágio Supervisionado da Eseffego e as performances dos grupos de cultura popular de Goiânia. Compõe o quadro de professores da SME-Goiânia. Licenciado e especialista em Educação Física Escolar pela UFG. Mestrando do Programa de Pós-Graduação, em Performances Culturais-UFG, além de fazer parte do grupo de cultura popular Passarinhos do Cerrado.